

A FEIRA: LABORATÓRIO DE CORES E SENTIDOS

THE MARKET: LABORATORY OF COLORS AND SENSES

*Vanessa Oliveira*¹ – UNESP - IA

Resumo

Esse é o relato de uma experiência pedagógica baseada na transformação de um ambiente escolar em um ateliê sensorial, inspirado pela ideia de feira. A autora busca instigar a criatividade e a colaboração entre os alunos, utilizando objetos do cotidiano, como sacolas de feira, para despertar os sentidos e explorar a expressão artística. No entanto, enfrenta desafios logísticos para implementar sua proposta. Apesar das dificuldades, a atividade proporciona uma experiência enriquecedora, onde os alunos se envolvem ativamente e se surpreendem com novas possibilidades de expressão. A autora destaca a importância da inovação no ensino, da relação afetiva entre professor e aluno, e da adaptação das práticas pedagógicas ao tempo e às necessidades de cada grupo.

Palavras-chave: Laboratório; experiência sensorial; estado de ateliê; criatividade

Abstract

This is an account of a pedagogical experience based on transforming a school environment into a sensory studio, inspired by the concept of a marketplace. The author aims to stimulate creativity and collaboration among students, using everyday objects like market bags to awaken their senses and explore artistic expression. However, she encounters logistical challenges in implementing her proposal. Despite the difficulties, the activity provides an enriching experience where students engage actively and are surprised by new possibilities of expression. The author emphasizes the importance of innovation in education, the affective relationship between teacher and student, and the adaptation of pedagogical practices to the time and needs of each group.

Keywords: Laboratory; sensory experience; studio state; creativity

Relato de experiência arte educativa

Essa experiência partiu da pesquisa de um estado de ateliê na escola, realizada no primeiro semestre de 2023, entre algumas propostas, de utilizar os espaços escolares mudando sua configuração habitual, para despertar os sentidos de modo a propor ambientes que instigasse a criação coletiva. Ela foi

¹ A autora é artista, educadora e pesquisadora. Atua na Educação Básica, na rede pública estadual de São Paulo, e no Ateliê Sementeira, um espaço de formação, cultura e arte. Faz parte do grupo Jabutিকাqui que realiza ações formativas com enfoque na cultura brasileira. Mestra em Artes pela Unesp, tendo sua pesquisa voltada para a prática de ateliê na escola. <http://lattes.cnpq.br/6628634872306209>

preparada para quatro turmas de 3ª série de Ensino Médio, porém é possível realizá-la com turmas de outra faixa etária também.

O estado de ateliê parte da ideia de que um ateliê vai além de um espaço físico, para um modo de agir e estar, como afirma Stela Barbieri:

O ateliê está em nossa cabeça, pode ser vivido em qualquer lugar, é uma maneira de olhar o mundo. Pode acontecer em uma boa conversa, em um encontro no ponto de ônibus com alguém que não vamos mais encontrar, olhando do alto de uma montanha ou simplesmente separando a gema da clara enquanto cozinhamos. São estados de uma presença simbólica e sensível diferenciada, de abertura para o que estamos vivendo. O estado da arte/ estado de ateliê é um estado de percepção, de movência no mundo, um estado laboratorial; é o que nos traz vitalidade. É a potência de sermos afetados, de perceber nuances. (Barbieri, 2021, p. 18)

Mover-se no mundo e sentir-se afetado. Estar presente e sentir que o encontro das sensações e poéticas de cada um interfere e cria mais significados e histórias. O movimento, presente em toda essa linha de pesquisa que realizei com os estudantes se conectou com a percepção que temos de nosso corpo e foi fundamental entender o conceito de estesia, que de acordo com Mirian Celeste e Gisa Picosque:

A estesia é como uma poética da dimensão sensível do corpo que suscita em absoluta singularidade uma experiência sensível com objetos, lugares, condições de existência, seres, comportamentos, ideias, pensamentos, conceitos. Quando tocados por essa experiência, somos convocados a agir e ao agir abrimos a possibilidade de fazer ou desfazer conceitos perceptivos gerando novas possibilidades de pensar e mover corpo, ideias e mundo. (Martins e Picosque, 2012, p 35)

Mas como surge entre essas percepções a inspiração pela feira? A feira sempre me despertou para a poesia e curiosidade: vejo nos carrinhos e sacolas de feira, potencialidades estéticas. Ver as verduras, legumes, frutas, expostas enquanto são levadas, aguça o meu olhar. A própria experiência da feira se mostra uma exploração muito rica pois nos dão pistas sobre o povo do lugar, caminhamos em meio aos diferentes aromas e cores, ouvimos os sotaques, as frases inventadas cheias de musicalidade e graça para vender, e depois levamos essas cores e perfumes para casa.

Na minha infância o carrinho de feira virava casinha, armário, transporte para as bonecas, suporte para montar barraca. Na vida adulta, na sala de aula,

o carrinho vira transporte de materiais de um lugar para o outro, lugar de carregar miudezas, curiosidades, segredos. A forma de organizar esses transportes e até mesmo personalizá-los traz uma experiência, oferece para aquele que vê uma estética singular e talvez aí esteja o meu interesse.

Dewey (2010), coloca da seguinte forma:

No desenvolvimento de um ato expressivo, a emoção funciona como um ímã que atrai para si o material apropriado: apropriado por ter uma afinidade emocional com o estado de ânimo já desencadeado. A escolha e a organização do material são, ao mesmo tempo, uma função e um teste da qualidade da emoção experimentada. (Dewey, 2010, p. 159)

Em contato com Dewey e o seu conceito de experiência, percebi que confiar na expressividade que um objeto, como uma sacola de feira, é um exercício constante de sensibilidade e criatividade. Por diversas vezes eu inseri tal objeto, confiando na potencialidade de sua imagem para iniciar a aula.

Experimentar, experienciar, chamar a atenção do corpo a partir de um objeto, trouxe à tona a aula como um laboratório. Gostaria de proporcionar uma experiência semelhante a que temos quando vamos à feira. Talvez pensar a aula como uma instalação, ou melhor, “instalar a ação”, uma experiência além do sentido da visão, que permeasse ancestralidade, origem, singularidade e diversidade ao mesmo tempo. Coisas que estão ao nosso redor, que representam nossos gostos e afetos. Que imagens poderiam surgir dessa experiência? Como trazer essa vivência para dentro da escola?

Planejei montar em algum lugar da escola uma instalação representando a feira, utilizando um projetor, uma caixinha de som para reproduzir os sons e imagens da feira. Uma sacola de feira com alimentos bem característicos do lugar e aroma marcante para criar no ambiente a sensação de estar na feira. Era uma instalação simples e rápida de montar eu imaginei. Pedi à equipe gestora um espaço na escola para realizar a instalação e a resposta foi NÃO, por conta de uma reforma que modificava a rotina, lugares das aulas e demais serviços escolares. O único espaço disponível a vice-diretora desaconselhou pois era um lugar de passagem e os alunos iriam acabar estragando a obra. Mas a feira afinal, não é um lugar de passagem? Na verdade, seria a grande vantagem montar algo no espaço que todo mundo circule, e pessoas além das minhas

turmas pudessem vivenciar a experiência. Por outro lado, também compreendo o problema de conservação do patrimônio e qualquer objeto diferente da rotina escolar, mas eu estava disposta a trabalhar com esse risco e com a busca de um modo de aprender mais ativo, porém o meu argumento não foi o suficiente para que ela mudasse de ideia. Tive que pensar em como fazer esse laboratório da feira em uma única aula de 45 minutos, contando com montagem e desmontagem e levar de uma sala para a outra.

Uma vantagem desse semestre foi a lista de materiais que fiz com a outra professora de Arte e finalmente foi contemplada com a maioria dos itens, como duas caixas de lápis de cor aquareláveis, que caíram como uma luva para essa experiência: poder observar e criar cores de uma forma mais rápida do que a aquarela, pois eu teria pouco tempo em cada turma. Além dos lápis levei para a sala um rolo de papel Kraft de 1,40 de largura, pincéis, água, uma sacola de feira com vários alimentos e temperos, tábua de corte, faca, e papel canson cortado em tamanhos diferentes. Juntamos as carteiras formando uma mesa bem longa e forramos com o papel.

Tentei organizar tudo com calma, enquanto os estudantes observavam sentados, foi quase uma performance. Essa vontade de organizar acabou propiciando uma espontaneidade nas sensações que eu nem imaginava. Colocar uma coisa de cada vez na mesa, foi ativando os sentidos e a curiosidade em descobrir o que estava por vir: café, canela, pimenta do reino, cheiro verde (que rico termos em nossa cozinha um alimento com o nome cheiro verde, é poético demais!). As frutas encheram os olhos de alegria e a boca de água. Eles começaram a mexer nas coisas para conferir o que era, “[...] o tato é o pai de todos os sentidos: nosso corpo está revestido de pele, e ela é nosso contato com o mundo externo – até nossos olhos são revestidos de pele, nós conhecemos o mundo pela pele” (Barbieri, 2021, p. 21). Sentir o perfume, teve gente que acabou comendo antes da aula terminar, mas isso não foi um problema porque também fazia parte o paladar.

Por último entreguei o material para pintar e fiquei maravilhada ao vê-los pintando, desenhando, concentrados naquilo que estavam fazendo.

A alegria de celebrarem juntos o alimento. O compartilhar. Um ato de coletividade, afeto, lindo de vivenciar.

Um fator interessante foi o lápis de cor ser aquarelável, porque o lápis já é um material que eles têm mais experiência em usar e acabaram se surpreendendo ao descobrirem outras formas de usá-lo: a partir da possibilidade da água, com conta gotas, molhando o lápis na água, molhando o papel antes de passar o lápis, pintando primeiro com o lápis e depois passando o pincel, passar o pincel no lápis espirrando a tinta no papel... descobrindo muitas possibilidades num material. A partir das possibilidades da matéria, começaram a buscar a multiplicidade das cores.

Um silêncio entrou na sala quando todos estavam concentrados, e até na minha cabeça se fez silêncio quando percebi que havia conseguido organizar todos os materiais. Isso só foi possível a partir da experimentação com a terceira turma, que entendi a dinâmica de tempo e ação que eu precisava gerenciar, então consegui colocar uma música para tocar enquanto eles trabalhavam na pesquisa de cores. Coloquei uma playlist de músicas instrumentais chamada “Café Paris” onde aparecia bastante o som do acordeom e eles adoraram, sentiram que o ambiente ficou mais inspirador.

Em uma das turmas, quando avisei que a aula estava acabando, um aluno comentou “Por que quando a aula é legal acaba tão rápido?” A perda da noção do tempo é para mim o melhor elogio, porque sinto que quando esquecemos o tempo aquele momento foi de fato vivido. Outro momento valioso foi ver uma aluna que sempre estava dormindo nas aulas e acordou surpresa quando viu a mesa cheia de cores e sabores. Levantou rapidamente e se juntou aos outros colegas para pintar. Me pergunto se não estamos todos dormindo também, mesmo que de olhos abertos, só deixando o dia passar

Considerações finais

Após essa vivência pude constatar muitas coisas. A primeira é que o processo de aprendizagem atinge a todos, porque envolve a escolha de muitas pessoas, e em muitos aspectos. Desde a idealização de uma instalação, a rejeição da gestão, a performance que tive que realizar para adaptar a atividade, o material cedido, a vontade de participar da aula, ajudar a organizar o espaço. Todos nós fizemos escolhas e todos podem aprender algo a partir de uma

escolha. A segunda é que necessitamos da novidade, da reconfiguração dos espaços. Precisamos proporcionar novas maneiras de ver o que vemos no dia a dia. E a terceira constatação é que a prática dialoga com um tempo que não é do relógio, o tempo dentro da gente, o tempo do outro. De todas as proposições de ateliê que fiz com as turmas, essa foi a que mais me agradou esteticamente. Quando a mesa estava forrada já deu para sentir que o ambiente ficou diferente, convidativo, atrativo para criar. E eu pensei: “Nossa! Essa foi a melhor aula!” As aulas práticas são sempre as melhores. Mas tem uma coisa afetiva que transforma, acho que é saber se doar e saber receber, e tem a ver com a relação entre mestre e aprendiz. Eu quis proporcionar uma experiência sensorial, divertida, prazerosa, e queria muito que ela fosse organizada, porque às vezes o caos é muito interessante, mas acaba atrapalhando. E a ordem se estabeleceu pela necessidade que aquela prática pedia, pela constância do fazer. O tempo que eu tinha era 45 minutos com cada turma, então precisei escolher o que eu poderia oferecer e o que conseguimos construir juntos dentro desse tempo.

Fig 1 – Fazer junto. Fotografia.



Fonte: autora (2023)

Referências

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. 1ª ed. São Paulo: Jujuba, 2021.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes. 2010.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.